

Formar em liberdade: conselhos para a educação dos filhos*

1. Os estilos formativos

A maior parte das instituições formativas - família, escola, seminário - possui diversos educadores. Dentro de uma certa unidade de fins e meios, cada um deles tem seu *estilo* próprio, entendido como a forma peculiar de estimular no formando o comportamento que se julga adequado.

Por exemplo, quando um educando (filho, aluno, seminarista, etc.) se comporta mal, um formador pensará que a coisa mais oportuna é puni-lo imediatamente, outro preferirá sentar-se com ele para explicar a inadequação de seu comportamento e um terceiro preferirá não fazer nada para que ele descubra por si mesmo as consequências negativas de suas ações. Estes três formadores querem o melhor para os seus pupilos, mas a estratégia para o promover é muito diferente.

Podemos analisar esses estilos distinguindo categorias como o envolvimento afetivo, a exigência, os modelos oferecidos, o uso de reforços positivos e negativos (prêmios e castigos de tipo material ou imaterial), a maneira de inculcar as regras, a quantidade e a qualidade das justificativas para as regras, etc. Essas variáveis (que listamos na Tabela 1, sem pretender ser exaustivas) estão, sem dúvida, inter-relacionadas, mas admitem um estudo separado. Cada uma delas pode ser considerada como um *continuum* que vai da falta ao excesso. O ponto médio (ou melhor, a margem de equilíbrio, que pode ser mais ou menos ampla) que determina a virtude seria a maneira apropriada de educar tanto para o formador quanto para o formando.

Categoria	Falta	Ponto médio	Excesso
Regras e punições	Permissividade	Flexibilidade	Rigidez
Vigilância	Negligência	Atenção	Controle
Proteção	Abandono	Cuidado	Hiperproteção
Respeito pela alteridade	Rejeição/Intrusão	Aceitação	Indiferença
Envolvimento afetivo	Frieza	Carinho	Superproteção
Disponibilidade	Ausência	Proximidade	Invasão
Comunicação	Silêncio/Imposição	Diálogo	Colóquio que nunca chega a conclusões
Exigência	Negligência	Exigência proporcional	Hiperexigência

Tabela 1. Aspectos sobre o modo de transmitir a formação.

2. Os estilos educativos parentais

a) Os estilos parentais de Maccoby e Martin

Dentre os diferentes modelos que têm sido propostos sobre os estilos de transmitir a educação no ambiente familiar,¹ acho particularmente interessante o dos psicólogos americanos Eleanor E. Maccoby e John A. Martin², que utilizam a intersecção de dois parâmetros, a exigência e o afeto, que determina quatro estilos educacionais: autoritário, permissivo, negligente e autoritativo (Figura 1).

* Neste texto, utilizo algumas ideias que desenvolvo mais extensamente em F. INSA, *Estilos formativos e interiorização da vontade de Deus*, em *Formar na liberdade e para a liberdade. Seguir a Cristo na vida sacerdotal*, Cultor de Livros, São Paulo 2023, pp. 203-234; e também em *A formação da afetividade: Uma perspectiva cristã*, Cultor de Livros, São Paulo 2021, pp. 73-85 e 135-155.

¹Cfr. S. TORÍO LÓPEZ, J.V. PEÑA CALVO, M.C. RODRÍGUEZ MENÉNDEZ, *Estilos educativos parentales. Revisión bibliográfica y reformulación teórica*, «Teoría de la Educación» 20 (2008) 151-178. Utilizo também a aplicação à formação cristã, especificamente no contexto do seminário, feita por C. CHICLANA ACTIS, *Formación y evaluación psicológica del candidato al sacerdocio*, «Scripta Theologica» 51 (2019) 467-504; assim como o estudo que faço em F. INSA, *Con todo tu corazón, con toda tu alma, con toda tu mente. Formar la afectividad en clave cristiana*, Palabra, Madrid 2022², pp. 309-312.

²Cfr. E.E. MACCOBY, J.A. MARTIN, *Socialization in the Context of the Family: Parent-Child Interaction*, em E.M. HETHERINGTON, P.H. MUSSEN, (eds.), *Handbook of Child Psychology, Vol. 4: Socialization, personality and social development*, Wiley, New York (NY) 1983⁴, pp. 1-101. Esses autores completam e desenvolvem a proposta de três estilos

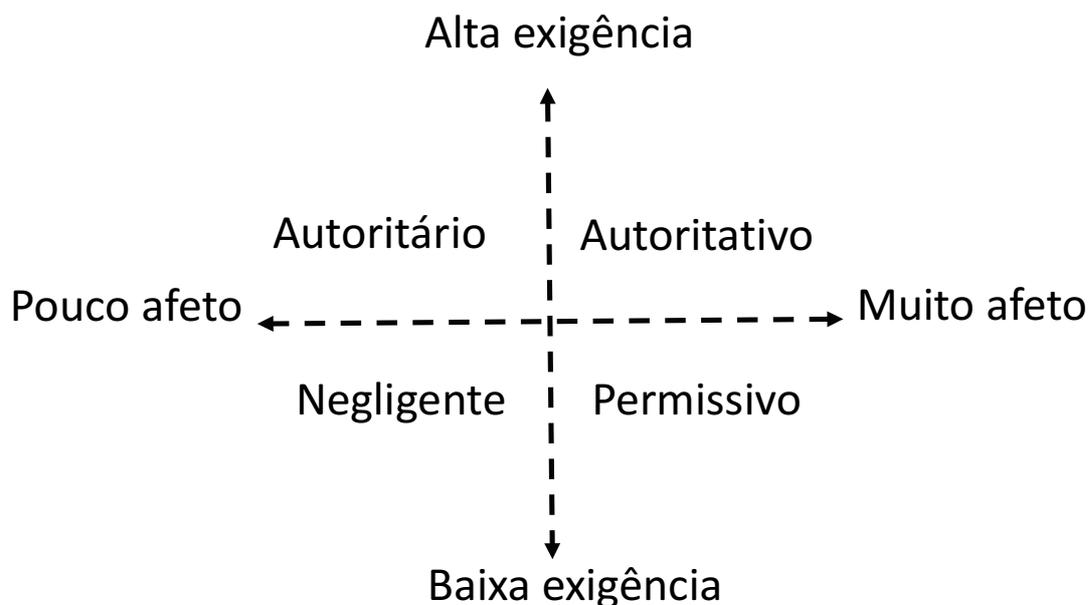


Figura 1. Os estilos educativos parentais de acordo com John A. Martin e Eleanor E. Maccoby.

A Tabela 2 compara as características de cada um dos estilos, que estudaremos mais detalhadamente a seguir, enquanto a Tabela 3 compara as características dos filhos educados de acordo com os diferentes estilos.

	Autoritário	Permissivo	Negligente	Autoritativo
Afeto	Baixo.	Alto.	Baixo.	Alto.
Exigência	Alta.	Baixa.	Baixa.	Alta.
Controle	Alto.	Baixo.	Baixo.	Alto.
Diálogo	Baixo.	Alto.	Baixo.	Alto.
Papel dos pais	Ativo: Influem e controlam o comportamento de seus filhos.	Ativo (respondem às necessidades de seus filhos) e passivo (toleram as ações tanto positivas como negativas).	Passivo: indiferentes e pouco envolvidos.	Ativo: dirigem razoavelmente a atividade da criança para papéis e comportamentos maduros.
Papel da criança	Subordinado, restringem sua autonomia.	Ativo: apoiam-no, não importa o que faça.	Ativo: pode fazer o que quiser, desde que não ultrapasse limites muito extremos.	Dirigir-se autonomamente para o bem.
Ponto de partida	Padrões rígidos preestabelecidos.	Grande autonomia ao filho, desde que não	Razões pragmáticas: falta de tempo ou	Aceitação dos direitos e deveres dos pais e dos filhos.

de D. BAUMRIND, *Parental disciplinary patterns and social competence in children*, "Youth and Society" 9 (1978) 239-276.

		coloque em risco sua sobrevivência física.	interesse, comodismo, etc.	
Virtudes que promovem	Obediência, dedicação às tarefas atribuídas, tradição, ordem.	Autonomia.	Que os filhos não causem problemas aos pais.	Responsabilidade, autonomia e independência.
Instrumentos	Regras rígidas, disciplina, castigo.	Deixar fazer. Regras escassas e modelos ausentes.	Resolver os problemas da maneira mais rápida, acessos de ira perante a transgressão das poucas regras.	Afeto, arrazoamento, negociação e reforços positivos. Regras claras e coerentes.
Castigos	Frequentes e inflexíveis.	Escassos e facilmente perdoados.	Escassos, tardios e desproporcionais.	Moderados, proporcionais e congruentes.

Tabela 2. Comparação dos estilos parentais.

	Autoritário	Permissivo	Negligente	Autoritativo
Competência social	Média.	Média.	Baixa.	Alta.
Autonomia	Baixa.	Baixa.	Baixa.	Alta.
Criatividade	Baixa.	Média.	Baixa.	Alta.
Autocontrole	Médio.	Baixo.	Baixo.	Alto.
Confiança e segurança	Baixa.	Alta.	Baixa.	Alta.
Autoestima	Baixa.	Alta	Baixa.	Realista.
Caráter	Reservado e medroso. Menos alegres e espontâneos. Hostilidade, agressividade e impulsividade.	Imaturo, irresponsável, pouco autocontrole. Alegre e vital.	Imaturo, inseguro, instável, pouco responsável.	Maduro, alegre e espontâneo.
Tenacidade	Baixa.	Baixa.	Baixa.	Alta.
Comunicação	Baixa.	Média.	Baixa.	Alta.
Expressividade afetiva	Baixa.	Alta.	Alta.	Média.
Moralidade	Alta e extrínseca.	Baixa e extrínseca. Risco de comportamento antissocial.	Baixa e extrínseca. Risco de comportamento antissocial.	Alta e intrínseca.

Tabela 3. Comparação dos filhos em função dos estilos parentais em que foram educados.

Normalmente, a adoção de uma forma ou de outra não é algo consciente, mas depende da personalidade do educador, de sua filosofia de vida, da maneira como ele foi educado, de seu conhecimento de pedagogia, etc. Também influirão fatores do educando, como idade, maturidade, circunstâncias objetivas e subjetivas de tipo transitório ou permanente e, acima de tudo, sua resposta:

se ele for submisso, permitirá que o formador desenvolva todo o seu potencial dominador, enquanto, se ele tiver uma personalidade forte, tenderá a estabelecer limites. Por fim, o estilo educativo é influenciado pelo vínculo que os une e que determina a autoridade: a mesma pessoa não educa da mesma forma quando atua como pai ou como professor.

Consequentemente, os estilos que estudamos raramente se dão em estado puro. Na vida real, encontramos principalmente estilos mistos e sobrepostos.

b) O estilo autoritário

O *estilo autoritário* (*authoritarian parenting*) é definido por um alto nível de exigência e um baixo nível de afeto. Baseia-se na imposição de valores e comportamentos por parte dos pais, que constantemente controlam e avaliam o filho, sem lhe dar margem de liberdade e autonomia, sem lhe explicar os porquês ou se disporem ao diálogo e à negociação. Seu principal argumento é o da autoridade: “porque eu digo”. Valorizam principalmente a ordem e a obediência, sem falar na submissão do filho, e quando não veem as expectativas atendidas, recorrem inflexivelmente ao castigo, indicando o que deve fazer, mas sem explicar as razões pelas quais o comportamento foi errado. As expressões de afeto são mínimas e são usadas para recompensar ou castigar o comportamento.

A criança pode responder principalmente de duas maneiras. Na maioria das vezes, mostra-se submisso e obediente, desenvolvendo um caráter apoucado. Mas também pode responder de forma rebelde, levando a uma escalada simétrica de violência. De qualquer forma, o filho manifestará falta de: autoestima, autonomia, criatividade, capacidade comunicativa, alegria, empatia, extroversão, tenacidade e competência social, junto com ressentimento latente ou explícito. Sua interiorização de valores morais será baixa: talvez ele os viva, mas apenas como uma imposição externa e por medo do castigo; portanto, ele não terá escrúpulos em realizar os comportamentos proibidos quando não for observado ou quando estiver diante de seus iguais ou, ainda mais, em uma situação de domínio.

Quando, com o passar dos anos, tiver que assumir um papel de formador, o mais frequente é replicar o padrão aprendido e também adotar um estilo autoritário. Não é uma espécie de vingança (“finalmente, posso me impor e os outros devem me obedecer”), mas uma interiorização errônea do que significa autoridade. Mas também pode acontecer que, ciente dos danos sofridos, o novo formador queira poupar seus pupilos e vá para o extremo oposto, caindo do abandono de funções do indulgente e negligente.

c) O estilo permissivo

O *estilo permissivo* (*permissive parenting*) envolve uma baixa exigência e um alto nível de afeto. São pais que “amam tanto” seu filho que temem fazê-lo sofrer com demandas que exigiriam esforço e desconforto no curto prazo; de certa forma, eles querem ser “amigos de seus filhos” deixando de atuar como pais e educadores. Procuram fomentar um clima caloroso, dialogante e democrático em que se pode falar e negociar quase tudo. Atendem facilmente os desejos do filho e confiam que ele perceberá por si mesmo suas falhas e as corrigirá e, por isso, mostram-se tolerantes com seus defeitos e erros. Os castigos são escassos e incoerentes: o filho é facilmente perdoado diante do pedido de desculpas, mesmo que a falta tenha sido grave, que não dê garantias de que mudará o comportamento ou que tenha falhado repetidamente em cumprir promessas semelhantes de retificação.

Os filhos criados neste ambiente mostram um alto nível de autoestima, confiança, alegria e vitalidade e alcançam uma boa competência social. Pelo contrário, manifestam menor responsabilidade, autocontrole, autonomia, perseverança, originalidade e criatividade, e alcançam menos sucesso escolar. Será difícil para eles integrarem-se a um sistema com regras e limites claros (vamos pensar em um seminário) porque eles interiorizaram que a transgressão não tem consequências. Essa atitude é também um terreno fértil para comportamentos antissociais.

Quando tiver que assumir o papel de formador, a pessoa criada nesse clima tenderá novamente a reproduzir o estilo que viveu em casa, ou seja, também será permissiva. Embora com menos

frequência do que no caso anterior, o sujeito pode perceber as consequências negativas da educação recebida e, por isso, cair no extremo autoritário.

d) O estilo negligente

O *estilo negligente (uninvolved parenting)* caracteriza-se por um baixo nível tanto de exigência como de afeto. São pais pouco envolvidos na educação de seus filhos, mas, ao contrário dos indulgentes, não baseiam sua atitude em motivos ideológicos, mas simplesmente pragmáticos, como a escassez de tempo ou a busca de tranquilidade. Tendem a resolver as obrigações educativas o mais rápido e confortavelmente possível e mostram indiferença às atitudes e comportamentos de seus filhos, sejam eles positivos ou negativos. Nesses lares não há modelos claros de conduta, diálogo ou vigilância, as regras são poucas e sua transgressão não é penalizada com castigos, a menos que ultrapassem limites muito altos; nesses casos, não é incomum que os castigos sejam desproporcionais. Se seus recursos permitirem, esses pais atendem as demandas de seus filhos, cercando-os de mimos materiais, mas não dão os principais recursos que as crianças precisam: tempo e carinho. Em suma, há uma grande tolerância em relação aos comportamentos inadequados dos filhos, mas também uma ausência de recompensas pelas conquistas.

Este é o estilo com efeitos socializadores mais negativos. As crianças criadas de acordo com esse padrão têm as menores pontuações em autoestima, desempenho escolar, autonomia, autocontrole, sociabilidade e responsabilidade. Tendem a passar despercebidos, sem dar nem pedir tempo ou carinho. De alguma forma, interiorizaram que não são dignos de serem amados e que suas emoções não têm interesse para os outros. Eles, portanto, têm grande dificuldade em estabelecer relações de afeto seguras e maduras. Pelo contrário, podem gerar tendências agressivas.

Quando chegar o momento de exercer uma tarefa de formação, tenderão a repetir a educação que receberam, ou seja, serão educadores negligentes. No caso de que, cientes dos danos recebidos, caíam no outro extremo, tenderão a ser mais inflexivelmente autoritários do que nos dois casos que vimos até agora, ou tentarão compensar a ausência de carinho na formação que receberam por meio de comportamentos superprotetores (padrão permissivo).

e) O estilo autoritativo

Os *pais autoritativos (authoritative parenting)* mostram para com a criança um alto nível tanto de exigência como de afeto. Eles se envolvem na educação do seu filho e tentam direcionar sua atividade, mostrando a ele qual é a atitude madura, mas usam o arrazoamento e a negociação. Seu ponto de partida é a existência de deveres e direitos mútuos que dão origem a regras e responsabilidades. Esses pais dedicam tempo aos seus filhos, seja no lazer ou para resolver os trabalhos escolares. O diálogo e a comunicação - que englobam ações e emoções - são de natureza fluida e bidirecional, porque o filho responde mostrando confiança aos pais e manifestando a eles suas dúvidas. O relacionamento é caloroso, mas não invasivo, e a criança recebe uma margem de liberdade adequada à idade e é permitido que aprenda por tentativa e erro. O não cumprimento das regras acarreta castigo, que é proporcional e aberto à negociação, desde que ofereça garantias de mudança; mas, ainda mais importante, as boas ações são recompensadas com prêmios (materiais ou afetivos), que são o melhor reforço para incentivar a conduta adequada e a autoexigência saudável.

Os filhos criados nesse estilo atingem os mais altos níveis de autoestima, autonomia, autocontrole, competência social e bem-estar psicológico. Ele se valoriza porque foi valorizado, não se orgulha porque lhe foi mostrado que pode ser melhor do que é, sente-se capaz porque foi acompanhado para aceitar desafios na vida e não se frustra porque lhe foi mostrado que é digno de ser amado, mesmo que tenha limitações. Como resultado, costumam ser interativos e habilidosos em suas relações com seus iguais, sabem expressar afeto e se sentem confortáveis tanto em situações comunitárias quanto estando sozinhos. Como seus pais lhes explicaram o motivo das regras, eles conseguiram interiorizá-las e são capazes de julgar adequadamente as situações e agir de forma justa, independentemente do ambiente e das consequências.

Quando precisam desempenhar o papel de formadores, não há dúvida: eles escolhem automaticamente um estilo autoritativo. Mas o melhor é que eles sabem como exercê-lo porque tiveram bons professores, autênticos modelos que podem imitar.

f) Condicionados, mas não condenados

Uma consideração importante deve ser feita antes de avançar. A maneira como cada um de nós foi educado, o afeto recebido dos pais e o modelo que eles nos ofereceram, sem dúvida, têm uma grande influência em nossa maneira de ser, sentir e se relacionar. Mas não importa o quão duro tenha sido o ambiente em que alguém foi criado, ele não deve se sentir condenado a uma vida infeliz ou desajustada.

Isso nos é mostrado na vida de Santa Josefina Bakhita, roubada de seus pais em sua infância mais tenra, vendida várias vezes e até doada, maltratada por todos os seus senhores, libertada por um diplomata italiano... até que finalmente encontrou o amor de Deus e entrou na ordem das Filhas da Caridade. Quando seus superiores a encorajaram a contar sua história, cientes de que serviria para edificar muitas pessoas, ela aceitou por obediência, mas não foi capaz de contá-la sem derramar lágrimas abundantes. Apesar de tudo, ela foi feliz durante aqueles últimos cinquenta anos de sua vida, anos efetivos de serviço a Deus e à multidão de pessoas que carinhosamente a chamavam de “Madre Moréta”.

Não somos escravos de nossos genes nem do nosso passado. Somos livres e temos a possibilidade de mudar o nosso futuro e o dos nossos educandos mudando a nós mesmos. Contamos, além disso, com o amor de Deus, que é capaz de curar as feridas mais profundas.

3. Como se origina o amor a si mesmo

Obviamente, o estilo que deve ser promovido em todas as áreas formativas (família, escola, seminário) é o autoritativo. Entre as suas muitas vantagens está o fato de aumentar a autoestima daquele que é formado. Mas, podemos nos perguntar: como essa autoestima é gerada?

A ideia positiva ou negativa que temos de nós mesmos depende do autoconhecimento e é modificada em função do cumprimento das metas que nos proponhamos³.

Toda vez que alcançamos um objetivo difícil, surpreendemo-nos agradavelmente e dizemos a nós mesmos, talvez inconscientemente: *eu valho muito mais do que pensava*.

Mas previamente todo mundo tem o que poderíamos chamar de uma *imagem interiorizada de si mesmo* que começa antes de adquirir uma plena capacidade de se conhecer: na mais tenra infância. Existem mensagens - palavras e ações - com as quais os pais dizem à criança que ela é valiosa... ou que não o é, encorajando ou dificultando esse bom conceito de si mesmo. Isto ficará mais claro com um exemplo.

Uma criança está construindo um castelo com blocos de madeira; ao atingir uma certa altura, a estrutura cai e a criança começa a chorar. O pai ou a mãe virão consolá-lo e encorajá-lo a tentar a construção novamente; basicamente, eles podem fazer isso de duas maneiras. Podem seguir o caminho mais rápido e eficaz a curto prazo, que seria construir o castelo eles mesmos e dizer ao menino: "Aqui está, você já pode começar a brincar." Mas, nesse caso, a criança pode interiorizar a seguinte mensagem: “você é inútil, o que você faz sempre acaba no chão, você precisa de outra pessoa para fazer até as coisas mais simples por você”.

Pelo contrário, os pais podem sentar-se ao lado dela, mostrar-lhe onde está o erro no “cálculo das estruturas” e recomendar *juntos* para levantar o edifício: colocar as peças, indicar onde é melhor colocar ou não algum dos blocos, alertar sobre o risco quando começa a ficar instável ou quando atingiu uma altura prudente... e ir aos poucos se retirando para que a criança seja o principal construtor. No final, se sentirá orgulhosa do castelo que ela - com a ajuda de outros, mas *ela mesma* - construiu.

³ C. CAVANYES, *El amor a uno mismo*, em W. VIAL (ed.), *Ser quien eres. Cómo construir una personalidad feliz con el consejo de médicos, filósofos, sacerdotes y educadores*, Rialp, Madrid 2017, p. 32.

Não estou dizendo que devemos sempre seguir esse modo de agir, mas devemos tentar aplicá-lo sempre que possível; quanto mais, melhor. Mudemos o castelo para as tarefas da escola, a ordem no armário, preparar uma sobremesa, costurar um botão, resolver um conflito com um colega de escola, compensar algo que quebrou... e qualquer educador verá muitas ocasiões em que poderá ajudar a criança, o adolescente e o jovem a desenvolver suas habilidades e, conseqüentemente, o bom conceito de si mesmo. Requer mais paciência, mas é muito mais eficaz.

Uma segunda maneira de promover o amor-próprio é a *valorização*. Vamos ilustrar isso com outro exemplo. Um menino chega em casa da escola com um 7 em uma prova. As mães geralmente entendem essa valorização de modo intuitivo e, portanto, tendem a parabenizar e reconhecer o esforço. Mas a prova de fogo vem com o pai. Quanto mal pode ser feito por um “não está mal”, que reduz a quase nada as horas de estudo, o sacrifício, a renúncia a outros planos, etc. E ainda há outra atitude que pode ser mais pernicioso: se o pai só fica verdadeiramente satisfeito quando a criança lhe mostra um 10. Se essa é a única vez que o menino ouve “estou orgulhoso de você”, ele pode estar promovendo uma personalidade perfeccionista, insegura e de baixo amor a si mesmo que nunca ficará satisfeita com o que consiga: ele sempre poderia ter chegado “mais rápido, mais alto, mais forte”, como diz o lema dos Jogos Olímpicos.

A valorização usa a linguagem do afeto, não dos objetos. O principal prêmio que espera quem fez algo bem feito é um gesto de reconhecimento, um sorriso, um aplauso, não um presente material. A melhor coisa, claro, é combinar os dois, e eu penso que a maneira ideal de os combinar é dedicar-lhes tempo: ir juntos para almoçar ou jantar, a um show do seu gosto, etc.

Os efeitos da valorização não se limitam à infância. Em uma ocasião, comentei com um amigo sobre as ideias que estou expondo aqui, e quando cheguei a esta, seu rosto ficou sério e ele me disse: “meu pai nunca me valorizou”. Ele estava em plena maturidade e a ferida ainda sangrava, embora isso não o impedisse de reconhecer que ele lhe proporcionou muitas outras coisas igualmente necessárias, nem foi um obstáculo para alcançar uma vida satisfatória, um emprego bem-sucedido e fundar uma família estável. Mas, acima de tudo, isso não o impediu de cuidar amorosamente de seu pai durante os muitos anos em que sofria da doença de Alzheimer. Deus lhe pagará por isso.

Aqui vem a pergunta do milhão: como você parabeniza sinceramente um bom resultado e, ao mesmo tempo, diz ao menino que ele ainda pode dar mais? A educação é uma arte e não há regras para manter esse delicado equilíbrio. Cada criança, cada estudante, cada pessoa em formação tem seu ponto certo que é preciso saber encontrar. Ainda mais difícil: esse ponto não é fixo, mas varia em função da idade, do estado de ânimo, da tarefa realizada, etc.

Um comportamento a ser evitado são as *generalizações*. No entanto, quantas vezes elas nos escapam: “você está sempre atrasado”, “você deixa tudo jogado”, “você é um preguiçoso e um desastre”... Geralmente é mais delicado, mais eficaz e, acima de tudo, mais verdadeiro usar termos relativos: “você chega atrasado com frequência”, “você deveria ser mais ordenado”, “você tem que ser mais constante no estudo”, etc. Em outras palavras, é conveniente *delimitar* o comportamento que deve ser melhorado (talvez sejam úteis os traços dos *big five* ou os critérios de maturidade que vimos) e mudar em nossa linguagem *você é por você faz*. Quando você diz para alguém “você é assim” pode dar a sensação de situação irreparável (“eu sou assim, o que vamos fazer”). Pelo contrário, muitas vezes é considerado mais acessível mudar progressivamente a maneira de agir: raramente nos dirão “não posso deixar de agir *sempre* assim”.

No extremo oposto, um pai que valoriza desproporcionalmente as realizações de seu filho promoverá um narcisista ridículo com quem apenas os débeis se conectarão e a quem a vida acabará colocando em seu lugar. Uma pessoa assim educada será candidata ao desânimo e até à depressão quando perceber que não é tão inteligente ou tão capaz quanto seu pai sempre lhe disse.

As crianças tendem a assimilar o que se diz sobre elas (tecnicamente se diz *introjetá-lo*, que é o oposto do mecanismo de defesa da projeção). Se você repetir continuamente a elas “você é mau”, “você é preguiçoso”, “você é extraordinário”, etc., elas vão acabar acreditando e fazê-lo próprio, e encontrarão alguma justificativa para continuar se comportando assim: “é normal que eu tenha sido reprovado na escola porque eu sou preguiçoso”; “é lógico que eles tenham me expulsado porque eu sou mau”. Também é aconselhável cuidar da coerência entre a linguagem verbal e não verbal, tanto

ao parabenizar quanto ao corrigir: o tom e o volume da voz, o olhar que afirma ou menospreza, a posição das mãos e do corpo, etc.

Gosto do slogan: *as crianças precisam do abraço da mãe e os adolescentes precisam da valorização do pai*. Acho que é aplicável tanto para meninos quanto para meninas, embora com eles pode ser mais evidente devido à maneira diferente de viver a afetividade deles e delas.

Os meninos são mais ativos e procuram produzir mais, por isso precisam ser ensinados a fazer as coisas e a fazê-las bem. Eles também são muito competitivos, o que pode servir como um estímulo para melhorar, mas também os pode levar à frustração se tiverem expectativas excessivas. Os formadores podem se apoiar nessas características com frases como “você é um dos melhores da sua classe” (cuidado, geralmente não é oportuno empurrá-los para serem “o melhor”) ou, preferencialmente, “você se superou”, onde o ponto de referência é ele mesmo e a possibilidade de crescimento ilimitado. Finalmente, eles valorizam mais a força física e a destreza; por isso, convém reconhecer essa faceta: “você está se tornando um homem”, “que força você tem”.

As meninas, por outro lado, são mais afetuosas: é preciso ser especialmente expressivo ou explícito nas manifestações de afeto. Elas também são naturalmente mais sedutoras, então você tem que se mostrar “tocado” por sua aparência externa, admirá-las: “como você está bonita”, “como esse vestido fica bem em você”⁴. Por fim, elas são mais inseguras e exigem confirmação em suas decisões... sem suplantá-las que sejam elas que as tomem e assumam as consequências. As comparações, no seu caso, devem ir mais na linha do reconhecimento do que das conquistas: as outras são mais amadas ou admiradas, têm mais amigas ou mais sucesso com os rapazes, etc.

Em alguns casos, você tem que lhes dar o *feedback* de que precisam, mas sem excesso, para que não se tornem “viciados em reconhecimento externo” ou em *likes*. O objetivo é que eles e elas interiorizem a valorização para que possam se sentir satisfeitos pelo que fazem, mesmo que tenham que nadar contra a correnteza ou que ninguém os parabenize.

Acho que é necessário fazer um inciso. Estamos comentando erros que os pais - ou formadores em geral - podem cometer na tarefa educativa. Mas minha intenção não é culpá-los. Cada um educa como sabe, geralmente como foi educado: muitas vezes os erros de um pai são devidos à forma como ele foi tratado por seu próprio pai (o avô do educando). Isso pode levar à perpetuação de erros: a criança acabará transmitindo-os por sua vez aos seus próprios filhos e, assim, eles passarão de geração em geração não por genes (que sem dúvida influenciam, porque condicionam o temperamento), mas por educação. Infelizmente, muitas vezes os pais não têm alguém para os ensinar a educar seus filhos e têm que trabalhar por intuição, o que é sempre arriscado. Quão importante é, portanto, que eles sejam formados através de leituras, cursos, etc. - como fazem em sua profissão - para essa tarefa que é a mais importante de sua vida e que deixará um maior sedimento. Não existe um pai ou um formador perfeito, mas existem pais e formadores que se formam para extrair o melhor de seus filhos e de seus alunos. Por parte dos filhos é necessário *reconciliar-se com a figura do pai* caso haja alguma ferida aberta. Voltaremos a essa ideia mais tarde.

Certamente, ajuda muito a autoestima ver-se à luz de Deus. Se dissemos que a base do amor-próprio está em interiorizar a valorização dos outros, quanto deveria servir a consciência de que o próprio Deus nos ama com amor paterno? Aconteça o que acontecer, mesmo que os pais não tenham se comportado como seria de esperar, Deus ama a cada um de maneira sempre incondicional: eu sou digno de ser amado, eu sou digno de existir. Deus nos ama sempre, mesmo quando não correspondemos a Ele. Ele vem até nós como o pai do filho pródigo.

4. Influência dos estilos parentais na imagem de Deus

Os estilos parentais têm uma grande repercussão na vida em diferentes níveis. Os traços de personalidade que vimos na criança tenderão a se desenvolver no adulto, dando origem a pessoas rígidas, perfeccionistas e ansiosas (estilo autoritário), irresponsáveis e caprichosas (estilo

⁴Essa maior atenção à sua aparência física é uma das razões pelas quais são mais vulneráveis a sofrer de anorexia nervosa.

permissivo), inseguras e dependentes (estilo negligente) ou seguras, maduras e respeitosas com os outros (estilo autoritativo).

A repercussão será especialmente visível na forma de se relacionar com outras pessoas, não apenas com os filhos, mas também com o cônjuge, amigos, chefes e subordinados no trabalho, etc. Em todos esses âmbitos, manifestar-se-ão as possíveis deficiências emocionais (e a consequente necessidade de compensá-las) e a ideia adquirida da figura de autoridade como alguém respeitoso, hiper-exigente, invasivo, indiferente, etc.

Vale a pena insistir no conceito de “figura de autoridade”. Não é simplesmente “a pessoa que comanda aqui e agora”, mas refere-se ao próprio conceito de autoridade que foi interiorizado a partir do relacionamento com os pais. Esse conceito tenderá a se reproduzir nas relações assimétricas que o sujeito estabeleça ao longo de sua vida, tanto quando está situado acima (com seus filhos, alunos, subordinados) como quando está abaixo (professores, líderes, formadores... até mesmo o bispo, no caso dos sacerdotes). Quase automaticamente o sujeito tenderá a ver reproduzidas suas primeiras relações significativas com emoções (positivas ou negativas) que despertaram: amor, respeito, diálogo, medo, submissão, rebeldia, complacência, tensão, dependência, etc.

Contudo, Deus é, sem dúvida, uma figura de autoridade, e de fato nós cristãos o chamamos de Pai. Ele é nosso Criador, Ele está cuidando de nós de forma providente, e Ele será nosso Juiz depois desta vida. Poderia se dizer que nosso relacionamento com Ele também será influenciado pelo conceito de “figura de autoridade” que internalizamos desde a mais tenra infância? Na minha opinião, sim, e foi assim que Bento XVI o expressou:

Nem sempre é fácil falar sobre paternidade hoje em dia. Especialmente no mundo ocidental, famílias desfeitas, compromissos de trabalho cada vez mais absorventes, as preocupações e muitas vezes o esforço para equilibrar o orçamento familiar, a invasão dissuasiva dos *meios de comunicação de massa* dentro da experiência diária: esses são alguns dos muitos fatores que podem impedir uma relação serena e construtiva entre pais e filhos. A comunicação às vezes é difícil, a confiança diminui e a relação com a figura paterna pode se tornar problemática; e então também se torna problemático imaginar Deus como pai, não tendo modelos adequados de referência. Para aqueles que tiveram a experiência de um pai que é muito autoritário e inflexível, ou indiferente e não muito afetuosos, ou mesmo ausente, não é fácil pensar serenamente em Deus como Pai e abandonar-se a Ele com confiança⁵.

Deixem-me ilustrar essa ideia com um exemplo da minha experiência pastoral. Um menino no final da adolescência me procurou porque queria recomeçar sua vida cristã. Falamos sobre oração, sobre sacramentos, sobre virtudes... e terminei recomendando-lhe que tratasse Deus com a confiança com que tratava seu pai. Então ele me interrompeu abruptamente: “Olha, se eu tiver que tratar Deus como ao meu pai, eu me tornarei ateu, porque meu pai é um sem-vergonha” (na realidade ele não usou exatamente essa última palavra, mas outra mais forte). Acontece que, quando o menino tinha poucos anos, o pai havia abandonado a ele, sua mãe e seus irmãos - todos pequenos - para se juntar à secretária. Ele não só cortou todas as relações com sua família, mas apesar de ter uma situação econômica confortável, relutava em colaborar na manutenção de seus filhos, coisa que obrigou a todos eles - especialmente sua mãe - a grandes sacrifícios.

Voltaremos a este jovem um pouco mais tarde, mas agora eu gostaria de aprofundar em que a influência que a relação que cada um teve com seus pais - e especialmente com seu pai - tem consequências importantes no estabelecimento da relação pessoal íntima com Deus, na qual consiste a vida cristã⁶.

No *estilo autoritário*, Deus é visto como exigente e controlador, sempre pronto a castigar as falhas e pecados. O relacionamento com Ele não é filial, mas fundado no temor servil e no medo das penas do inferno. A vida cristã é vista como um conjunto de regras e preceitos⁷ nos quais não se vê nenhum sentido e onde não há espaço para o amor nem se suspeita como é a alegria da “liberdade gloriosa dos filhos de Deus” (*Romanos 8,21*).

⁵BENTO XVI, *Audiência Geral*, 30 de janeiro de 2013.

⁶Cfr. CHICLANA ACTIS, *Formación y evaluación psicológica del candidato al sacerdocio*, pp. 467-504.

⁷Essa atitude poderia ser colocada em relação ao “pelagianismo atual” contra o qual o Papa Francisco adverte na Exortação Apostólica *Gaudete et exultate*, 19 de março de 2018, nn. 47-62.

As pessoas educadas num *estilo permissivo* têm uma imagem de Deus muito mais positiva: são afetuosas, permissivas, tolerantes e respeitadas da liberdade dos homens. No entanto, podem esquecer que Cristo é “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6), que a sua misericórdia não está em contradição com a sua justiça e que, no fim dos tempos, Ele recompensará os bons e castigará os pecadores (cfr. Mt 25,31-46). Consequentemente, podem desenvolver atitudes imorais com a confiança de que, no final, Deus as perdoará... mesmo que não estejam verdadeiramente arrependidas.

Também em relação à imagem de Deus o *estilo negligente* é o mais pernicioso, como vimos no exemplo do adolescente. Para alguém criado com esse padrão, Deus é alguém distante, que nos criou, sim, mas depois se retirou e nos deixou abandonados neste mundo sem nos dar carinho, apoio ou orientação.

Finalmente, o *estilo autoritativo* facilita uma visão de Deus como alguém que me ama e se preocupa por mim, que sempre estende a mão para me ajudar, mas, ao mesmo tempo, me respeita, me deixa tomar minhas próprias decisões e me chama a aceitar minha responsabilidade pessoal. Este é, sem dúvida, o estilo que mais favorece o desenvolvimento de uma vida cristã humana e sobrenaturalmente madura. Esta é, portanto, a imagem de Deus que o formador deve colocar diante dos olhos do candidato. Nas palavras do Papa Francisco aos jovens,

talvez a experiência de paternidade que você teve não seja a melhor, seu pai na terra talvez tenha sido distante e ausente ou, pelo contrário, dominante e absorvente. Ou ele simplesmente não foi o pai que você precisava. Não sei. Mas o que posso dizer com certeza é que você pode se lançar com segurança nos braços de seu Pai divino, deste Deus que lhe deu a vida e que a dá a você a cada momento. Ele o sustentará com firmeza e, ao mesmo tempo, você sentirá que Ele respeita totalmente a sua liberdade⁸.

Eu não conhecia essa ideia do Papa Francisco quando atendi o jovem a que me referi acima, mas suponho que o Espírito Santo me iluminou para responder a ele nessa linha. “Tudo bem”, eu disse, “seu pai não se comportou com você como deveria; mas você sabe como ele deveria ter se comportado. Na verdade, você conhece os pais de muitos dos seus amigos que dão aos filhos essa atenção. Pois bem, Deus é melhor do que o melhor dos pais.” Isto sim ele entendeu e lhe serviu para inaugurar seu novo relacionamento com Deus "como com o pai que ele gostaria de ter tido".

5. Estilos educativos e formação no seminário e em outras instituições

Na tarefa formativa do seminário - e, de modo análogo, em outras instituições - é conveniente que o formador conheça o estilo em que o candidato ao sacerdócio foi educado. Para isso, a *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* incentiva o seminarista a falar com confiança de sua própria biografia:

Para que tal ação educativa seja frutuosa, é importante que cada seminarista tome consciência e comunique aos seus formadores sua própria história, o modo como viveu sua infância e adolescência, a influência exercida sobre ele pelas figuras familiares e parentais, a maior ou menor capacidade de estabelecer relações interpessoais maduras e equilibradas, bem como o manejo saudável dos momentos de solidão. Essas informações são relevantes para a escolha dos instrumentos pedagógicos adequados, para a avaliação do caminho percorrido e para uma melhor compreensão de eventuais momentos de regressão ou dificuldade⁹.

Nas páginas restantes, gostaria de me debruçar sobre a figura do formador, uma vez que ele também é uma figura de autoridade e o candidato inevitavelmente tenderá a replicar com ele a figura de autoridade que interiorizou. A atitude do formador fará com que essa imagem - positiva ou negativa - seja confirmada ou, pelo contrário, modificada, para melhor ou para pior.

Um passo anterior é que cada formador deve estar ciente do estilo parental em que foi educado e da maneira como tende a exercer autoridade. Isso requer uma dose de introspecção e humildade que deve ser acompanhada de autocontrole suficiente para não se deixar levar pela tendência que surgirá quase automaticamente.

⁸ FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus vivit*, 25 de março de 2019, n. 113.

⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O dom da vocação presbiteral*. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, 8 de dezembro de 2016, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano 2016, n. 94.

Quando uma pessoa sofreu carências em seu ambiente familiar, ela naturalmente tenderá a compensá-las em seus relacionamentos posteriores. Tais relações serão curativas se derem ao sujeito o que ele precisa, mas sem anulá-lo ou permitir que ele coloque sua dignidade em risco para obter o afeto desejado. Caso contrário, as relações serão tóxicas: dominação, dependência, submissão... que são um terreno fértil para situações de abuso de poder e de consciência, que o Papa Francisco de modo acertado colocou na base dos abusos sexuais que tivemos que lamentar nas últimas décadas¹⁰.

Imagine um menino criado em um ambiente autoritário que desenvolveu uma atitude de submissão à autoridade, para a qual ele é sempre prestativo e complacente. Um formador autoritário reforçará essa atitude e talvez se mostre satisfeito com ela pensando que o jovem está crescendo adequadamente quando, na verdade, está tendo seu amadurecimento prejudicado. Algo semelhante aconteceria se o mesmo formador decidisse entrar em choque com um candidato rebelde, se um candidato que viveu num ambiente negligente passa a ter um formador com um caráter desapegado e não afetivo, ou se um menino que cresceu em um lar permissivo passa a ter um formador que tem dificuldade em exigir e colocar limites claros e coerentes.

Em suma, o formador está em uma posição privilegiada para corrigir as carências educativas e afetivas que o candidato sofreu, mas também pode inadvertidamente perpetuá-las ou piorá-las com sua própria atitude. O conhecimento por parte dos formadores do seu próprio estilo educativo e do estilo vivido pelo candidato é, repetimos, fundamental para não tornar mais profundas as feridas que os candidatos possam ter recebido, mas, pelo contrário, para contribuir para a sua cura.

Será de grande ajuda se as autoridades do seminário (o reitor em primeiro lugar) estiverem cientes do modo de ser e educar de seus formadores. À medida que forem conhecendo também os seminaristas, chegarão à conclusão de quais são os “binômios” de formador e formando que funcionam e quais, ao contrário, dificilmente alcançarão os objetivos almejados ou podem até trazer um prejuízo para um ou para ambos. Não se deve hesitar em propor (e às vezes até exigir) uma mudança quando o dano começar a ser evidente.

Por fim, ressaltamos que o próprio seminário como tal possui um certo estilo formativo, resultante da sua história e das pessoas que o dirigem. Em uma ocasião, ouvi uma frase que na época me chocou: “uma instituição reflete as virtudes e defeitos de seu diretor”. A experiência confirmou-me que, frequentemente, isso acontece. Daí vem a importância de se conseguir um governo colegial, ou seja, onde as decisões não sejam tomadas por uma única pessoa, mas que se gere uma equipe - obviamente liderada pelo reitor - sempre aberta ao diálogo, ao confronto sereno, às opiniões de todos, à crítica positiva e à revisão dos modos de fazer. O estilo de treinamento é sempre aperfeiçoável, mas em certos casos requer adaptações para ajudar no crescimento de todos e evitar que se cause danos a alguém.

6. Como curar a figura de autoridade: a paternidade espiritual

Quem não encontrou em seu trabalho pastoral com jovens, dentro ou fora do seminário, com meninos ou meninas que sofreram em seus lares carências como as descritas até agora, aos quais o vínculo com o sacerdote ajuda a crescer em autoestima e segurança, bem como a estabelecer relacionamentos saudáveis com outras pessoas? Nessas circunstâncias, alguns formadores se perguntam se é legítimo manter esse vínculo ou se, pelo contrário, estão exagerando ou mesmo se colocando em perigo de gerar dependências ou outro tipo de relacionamento não saudável.

O formador, como acabamos de ver, é uma figura de autoridade que pode confirmar ou corrigir a imagem real ou distorcida que o educando formou, e isso afetará suas relações com outras figuras de autoridade e, em última análise, com Deus. Pode fazê-lo por meio de explicações, recomendando leituras ou mostrando modelos, mas, sem dúvida, a maneira mais eficaz será oferecendo um testemunho pessoal de que a autoridade pode ser, ao mesmo tempo, afetiva e exigente, e que essa é a maneira correta de exercer autoridade e, portanto, a paternidade. É o que alguns psicólogos chamam de “curar o apego”.

¹⁰Cfr. FRANCISCO, *Carta ao Povo de Deus que peregrina no Chile*, 31 de maio de 2018; IDEM, *Discurso no final da Concelebração Eucarística por ocasião do encontro “A Proteção dos Menores na Igreja”*, 24 de fevereiro de 2019.

Penso que a figura de São José, recentemente glosada pelo Papa Francisco¹¹, é um modelo para a tarefa formativa de cada sacerdote e, concretamente, para a paternidade espiritual que ele é chamado a viver e que dá sentido à sua entrega e, mais concretamente, ao seu celibato¹².

A paternidade (maternidade, no caso das mulheres) é uma necessidade irrenunciável de todo ser humano. Cada pessoa, afirmava, tem a necessidade de se sentir útil e necessária aos outros, e busca projetar-se no futuro para deixar um legado para sua família e para o mundo através da procriação (filhos), produtividade (objetos) e criatividade (ideias).

A procriatividade, no entanto, não se limita a ter filhos, mas se prolonga ao orientá-los para uma existência realizada que é vista como uma extensão da própria vida. Aqui entra a paternidade espiritual, que não é exclusiva do sacerdote, mas também está intrinsecamente unida à paternidade biológica. O que realmente satisfaz a tensão em relação à generatividade dos pais não é o mero fato de trazer os filhos ao mundo, mas de conseguir que se desenvolvam humanamente e sobrenaturalmente. É por isso que as maiores alegrias que um filho dá ao pai é quando ele sai de casa para fundar uma nova família (mesmo que seja uma alegria misturada com tristeza pela separação), quando ele consegue um lugar na sociedade e quando ele desenvolve uma vida cristã autônoma, com base no que eles aprenderam com seus pais. A paternidade que satisfaz tanto os cônjuges quanto as pessoas celibatárias é a espiritual, que São Paulo expressou com estas palavras: “Meus filhos, por quem estou novamente sofrendo dores de parto, até que Cristo esteja formado em vocês” (Gl 4,19). É uma paternidade imaterial, mas não menos real ou psicologicamente satisfatória.

Poderíamos apontar algumas características daquela paternidade espiritual que é enriquecedora para o formador e o formado e que pode ser curativa para este último.

Em primeiro lugar, é *espiritual*. Vale ressaltar a palavra e suas consequências. Em um nível básico, incluiria a sobriedade no contato físico e nas demonstrações de afeto, para que o jovem se sinta respeitado em seu espaço físico e não se possam dar de forma alguma equívocos ou más interpretações. Como Júlio César disse: “Não basta que a esposa de César seja honesta, mas também deve parecer honesta.”

O relacionamento também é espiritual por causa dos objetivos que são estabelecidos, que podem ser resumidos como fomentar o crescimento na fé. Muitas vezes, ouve-se dizer que “os pais devem ser os melhores amigos de seus filhos” e eu concordo, desde que se entenda que aqui o termo “amizade” é usado em um sentido impróprio e o que se quer dizer é que os pais devem inspirar em seus filhos a confiança que eles têm com seus amigos. Caso contrário, caímos nos erros do estilo educacional permissivo. Parece-me que *os pais devem ser pais e os formadores devem ser formadores*. Isso certamente inclui uma atmosfera de confiança e carinho, mas o papel - e a responsabilidade - do pai e do formador é muito mais amplo do que o do amigo: inclui educar e formar, o que envolve o exercício da autoridade (que o amigo não tem), mostrando o bem e recompensando quando é alcançado e apontando o mal e castigando quando é cometido. O amigo é um igual. O pai e o formador, pelo contrário, são referências, o que os coloca em outro plano que, sem dúvida, também inclui uma dimensão afetiva.

Em segundo lugar, a paternidade espiritual, no caso específico do sacerdote, é *masculina*. Na sociedade atual, a figura masculina está muito desvalorizada¹³. Como ouvi uma vez, “as mulheres podem fazer o mesmo que nós, elas fazem melhor e, além disso, podem ser mães”. A situação piora se o pai também foi negligente e pouco afetivo, se aparentava ter mais interesse no trabalho do que na família, se seus gostos eram no mínimo elementares (ganhar mais dinheiro, prestígio social, seu time de futebol), se sua linguagem era suja, se ele bebia excessivamente, se era violento, etc. Nesses

¹¹Cfr. FRANCISCO, Carta Apostólica *Patris Corde*, 8 de dezembro de 2020.

¹²Entre os trabalhos recentes dedicados à paternidade espiritual, recomendo especialmente: C. GRIFFIN, *Why celibacy? Claiming the Fatherhood of the Priest*, Emmaus Road, Steubenville (OH) 2019; F.J. ESTÉVEZ, A.H. COZZENS, *Spiritual Husbands-Spiritual Fathers. Priestly Formation for the 21st Century*, En Route Books & Media, St. Louis (MO) 2020; W. VIAL, *El sacerdote. Psicología de una vocación*, Rialp, Madrid 2020, pp. 121-126; J. PHILIPPE, *La paternidad espiritual del sacerdote: Un tesoro en vasos de barro*, Rialp, Madrid 2021. Desarrollo la relación entre afectividad, celibato y paternidad espiritual em: INSA, *Con todo tu corazón, con toda tu alma, con toda tu mente*, pp. 237-256.

¹³Cfr. M. CALVO, *Paternidad Robada. ¿Qué futuro les espera a las nuevas generaciones de huérfanos de padres vivos?*, Almuzara, Córdoba 2021.

casos pode haver uma rejeição “em bloco” da figura masculina, ou seja, de uma forma geralmente inconsciente o filho diria: “se isso é ser homem, eu prefiro não ser”. Chegamos assim a problemas de identidade, que sem dúvida envolvem muitos outros fatores.

O sacerdote pode *tornar amável e atraente a figura masculina* apresentando um modelo positivo, para que o processo inconsciente mude para: “se isso é ser homem, tenho orgulho de ser”. O jovem ficará assim fortalecido em sua identidade. Como favorecê-lo? O modo concreto vai depender do caráter de cada formador, porque cada um tem que agir naturalmente, sem teatro. Podemos resumi-lo como o equilíbrio entre uma fortaleza e segurança em si que não busca se impor ao outro e um carinho que não é afetado, mas rijo¹⁴.

Terceira característica, o pai espiritual *reforça a autoridade dos pais*, que são os primeiros educadores de seus filhos¹⁵. É verdade que momentos podem ocorrer momentos de atrito, principalmente quando os pais não compreendem a fé ou a vocação do filho. Mas nem mesmo nesses momentos, justificam-se comentários que possam afastar o filho de seus pais, sugerindo de uma forma ou de outra: “eles não sabem, eu sei”. Serão ocasiões para unir o jovem com seus pais, apesar das diferenças, para o ajudar a entendê-los e, acima de tudo, a rezar com fé para que Deus os ilumine.

No caso de que o jovem mostre distância ou ressentimento, é necessário *promover a reconciliação*. Um relacionamento difícil, traumático ou mesmo abusivo pode levar à rejeição completa desse progenitor, mas esse repúdio geralmente traz consigo uma certa negação de quem a própria pessoa é, deixando-a sem raízes. Se todo ressentimento é prejudicial, aquele dirigido contra o pai ou a mãe é especialmente pernicioso. Não se trata de ignorar que o pai errou nem implica necessariamente no restabelecimento de uma relação fluida. O que se deve buscar é que o sujeito aceite *que* aquela pessoa, apesar de suas falhas, é seu pai e que ele é seu filho, mesmo que queira ser diferente em muitos aspectos. Um outro passo seria chegar ao perdão, que pode ser sugerido, mas, em última análise, tem que ser iniciativa da pessoa em questão. Às vezes, esse processo será difícil e levará tempo, mas é muito curativo do ponto de vista psicológico e é, sem dúvida, muito agradável aos olhos de Deus, que dará abundantemente sua graça a quem decidir realizá-lo.

Quarto, o pai espiritual *busca o bem do outro acima de seu próprio bem*. Ser um formador tem muitos momentos gratificantes. Pensemos numa ordenação sacerdotal que alguém assiste com o legítimo orgulho de ter ajudado a consolidar a vocação de alguns dos novos sacerdotes, o sincero afeto e gratidão que muitos dos formandos manifestam, mesmo depois de muitos anos, sem contar com a satisfação da necessidade da *generatividade* de que falamos no início desta seção. No entanto, o bem do formando pode levar a sacrificar essas recompensas quando vemos que outro formador será capaz de ajudá-lo melhor ou que devemos fazer uma correção que provavelmente envolverá um certo distanciamento. O contrário significaria colocar a satisfação das próprias necessidades afetivas acima do bem do outro, o que colocaria uma semente de insinceridade no próprio cerne da relação formativa.

Em quinto lugar, a paternidade espiritual *não é exclusivista, mas está aberta a todos*. O formador, é humano, e há toda uma série de razões conscientes e inconscientes pelas quais alguns jovens lhe podem cair melhor que outros. Mas ele também deve ser muito sobrenatural e ter um coração grande - ainda mais se for um sacerdote - no qual todos possam se encaixar, preenchendo, se necessário, com caridade o que pode não ter por afinidade.

Sexta característica, um bom formador *promove a autonomia* de seus discípulos. Ele não impõe critérios, mas oferece conselhos e, acima de tudo, ilustra com o exemplo de sua vida entregada. O Papa Francisco afirmou que quem possui uma tarefa de aconselhamento deve ser

uma testemunha: uma testemunha próxima, que não fala, mas que ouve e depois dá orientação. Não resolve [o problema] mas diz: olhe isto, e isto, e isto... esta não parece uma boa inspiração por esse motivo, esta sim... Mas vá em frente e decida!¹⁶

¹⁴Esses traços masculinos podem ser investigados em M. CERIOTTI MIGLIARESE, *Masculino. Fuerza, eros, ternura*, Rialp, Madrid 2019.

¹⁵Cfr. CONCÍLIO VATICANO II, Decreto *Gravissimum Educationis*, n. 3; SÃO JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Familiaris Consortio*, 22 de novembro de 1981, n. 36; FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Laetitia*, 19 de março de 2016, nn. 259-290.

¹⁶FRANCISCO, *Discurso no encontro com os alunos dos Colégios Eclesiásticos Romanos*, 16 de março de 2018.

Esse desejo de formar *na e para a* liberdade também se manifestará quando o jovem decida terminar a relação formativa, seja porque vê em consciência que deve interromper a jornada formativa no seminário ou porque prefere continuar com outra pessoa. Nas palavras do Papa Francisco,

Ser pai significa introduzir a criança na experiência da vida, na realidade. Não para segurá-lo, não para aprisioná-lo, não para possuí-lo, mas para torná-lo capaz de escolher, de ser livre, de sair. [...] A lógica do amor é sempre uma lógica de liberdade, e José foi capaz de amar de uma maneira extraordinariamente livre. Ele nunca se colocou no centro. Sabia descentralizar-se, para colocar Maria e Jesus no centro de sua vida. [...]

Cada filho sempre carrega consigo um mistério, algo inédito que só pode ser revelado com a ajuda de um pai que respeite sua liberdade. Um pai que tem consciência de que completa sua ação educativa e que vive plenamente sua paternidade somente quando se tornou “inútil”, quando vê que o filho conseguiu ser autônomo e caminha sozinho pelos caminhos da vida, quando se coloca na situação de José, que sempre soube que o Menino não era seu, mas simplesmente fora confiado aos seus cuidados. Afinal, é isso que Jesus sugere quando diz: “Não chamem nenhum de vocês de 'pai' na terra, pois um só é o seu Pai, o Pai dos céus” (Mt 23,9).

Sempre que nos encontrarmos na condição de exercer a paternidade, devemos lembrar que nunca é um exercício de posse, mas um “sinal” que evoca uma paternidade superior. Em certo sentido, todos nos encontramos na condição de José: sombra do único Pai celeste, que “faz nascer o sol sobre maus e bons e envia chuva sobre justos e injustos” (Mt 5, 45); e sombra que segue o Filho¹⁷.

Em sétimo e último lugar, a fé na graça de Deus e a confiança no educando lembrarão ao educador que *o principal formador é o Espírito Santo e o segundo é a própria pessoa em questão*, como recordou São João Paulo II:

não se pode esquecer que o próprio aspirante ao sacerdócio é também o protagonista necessário e insubstituível de sua formação: toda formação - inclusive a sacerdotal - é, em última análise, uma autoformação. Ninguém pode nos substituir na liberdade responsável que cada um de nós tem como pessoa.

Certamente também o futuro sacerdote - ele o primeiro - deve crescer na consciência de que o protagonista por excelência de sua formação é o Espírito Santo, que, com o dom de um coração novo, configura e faz semelhante a Jesus Cristo, o bom Pastor; neste sentido, o aspirante fortalecerá sua liberdade de maneira mais radical, acolhendo a ação formativa do Espírito. Mas acolher esta ação significa também, por parte do aspirante ao sacerdócio, acolher as “mediações” humanas de que o Espírito se serve. Por isso, a ação dos vários educadores só é verdadeira e plenamente eficaz se o futuro sacerdote oferecer a sua colaboração pessoal, convicta e cordial¹⁸.

Nos últimos anos, diante dos tristes casos de abusos cometidos por eclesiásticos, ouvimos dizer que na vítima se produz um “obscurecimento da imagem de Deus”¹⁹. Pois bem, a paternidade espiritual permite que o presbítero seja “uma imagem viva e transparente de Cristo sacerdote”²⁰, que por sua vez é a imagem do Pai (cfr. *Jo* 14,9; *Col* 1,15). De maneira mediata e com a humildade de quem sabe ser instrumento, todo formador, e especialmente o sacerdote, desejará refletir em sua vida (em seu equilíbrio entre afeto e exigência) o rosto do Pai misericordioso.

¹⁷IDEM, *Patris Corde*, n. 7.

¹⁸SÃO JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Pastores dabo vobis*, 25 de março de 1992, n. 69.

¹⁹H. ZOLLNER, *Le ferite spirituali causate dagli abusi sessuali*, «La Civiltà Cattolica» 4017 (2017) 244-254 (aqui 244).

²⁰SÃO JOÃO PAULO II, *Pastores Dabo Vobis*, 12.